

**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS
ARQUITETURA E URBANISMO**

LARISSA DAMASCENO OLIVEIRA

**DO SER AO SÍMBOLO: REVITALIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO CEMITÉRIO DE
UAUÁ-BA**

**Petrolina
2024**

LARISSA DAMASCENO OLIVEIRA

DO SER AO SÍMBOLO: REVITALIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO
CEMITÉRIO DE UAUÁ-BA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de arquitetura e urbanismo da Faculdade de Tecnologia e Ciência – UniFTC, campus Petrolina, como requisito final para obtenção do título de bacharel em arquitetura e urbanismo, sob orientação da Prof^a. Esp. Angela Gabriela Carneiro de Jesus.

Petrolina

2024

LARISSA DAMASCENO OLIVEIRA

Do ser ao símbolo: Revitalização e ampliação do cemitério de Uauá-BA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao departamento de
arquitetura e urbanismo da Faculdade de
Tecnologia e Ciência – UniFTC, campus
Petrolina, como requisito final para
obtenção do título de bacharel em
arquitetura e urbanismo.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

(Prof^a. Esp. Angela Gabriela Carneiro de Jesus)
Orientador

(Prof^a. Esp. Josephana Neri Tavares de Melo Vieira)
Avaliador Interno

(Daniel Vanetti)
Avaliador Externo

AGRADECIMENTOS

Expresso a minha sincera gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho e para minha trajetória acadêmica. A escolha deste tema reflete à memória afetiva profunda, que remete aos meus avós e outros familiares que descansam neste cemitério, um lugar que sempre fez parte da minha história e que, de maneira simbólica, inspirou este projeto.

Primeiramente, agradeço a Deus, pela força, sabedoria e direção em todos os momentos dessa caminhada. Aos meus pais, que sempre foram meu alicerce, oferecendo amor, apoio e compreensão, permitindo que eu chegasse até aqui. Aos meus amigos e familiares, pela parceria e incentivo constante, essenciais para minha motivação.

Por fim, um agradecimento especial à minha orientadora Angela, que, apesar da pressão que me impôs, também foi responsável pelos momentos de risadas e piadas (por vezes mórbidas!) que tornaram o processo mais leve. A sua capacidade de alternar entre exigir o melhor de mim e, ao mesmo tempo, me acalmar com a escolha das palavras certas, foi essencial para que eu seguisse em frente, mesmo quando as dúvidas surgiam.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa jornada, meus sinceros agradecimentos. Esta conquista é, sem dúvida, fruto do esforço coletivo.

“Feliz de quem possui um túmulo para debruçar-se revendo na morte páginas guardadas pelo passado. Desgraça maior do que a perda é não ter nada para perder. A alma sem espaço para a saudade é como o instrumento musical sem o artista.” (Trecho retirado de um jazigo localizado no Cemitério Campo Santo – Salvador – BA – Autor desconhecido)

RESUMO

Construções históricas são testemunhas importantes que possibilitam compreender o passado e como ele moldou o presente. Os cemitérios estão entre essas construções significativas, sendo responsáveis por guardar grandes memórias, e essenciais na preservação da história e da identidade de uma sociedade. Na cidade de Uauá, na Bahia, o cemitério conta com uma problemática urbana, pela superlotação e degradação do local e pela falta de um espaço adequado para a realização dos rituais fúnebres que acolha todas as religiões. Por isso, este trabalho tem como objetivo propor o planejamento arquitetônico e paisagístico de um cemitério parque na cidade de Uauá, buscando não apenas resolver os problemas existentes, mas também promover um ambiente acolhedor e harmonioso que traga conexão com a natureza que atenda às necessidades físicas, sociais, culturais e psicológicas da população.

Palavras-Chave: Construções. Cemitérios. Memórias. Preservação. História. Acolhedor. Natureza.

ABSTRACT

Historical buildings are important witnesses that enable us to understand the past and how it has shaped the present. Cemeteries are among these significant constructions, responsible for preserving great memories, and essential in preserving the history and identity of a society. In the city of Uauá, Bahia, the cemetery faces an urban issue due to overcrowding and degradation of the site, as well as the lack of adequate space for conducting funeral rituals that accommodate all religions. Therefore, this work aims to propose the architectural and landscape planning of a cemetery park in the city of Uauá, seeking not only to address existing problems but also to promote a welcoming and harmonious environment that connects with nature, meeting the physical, social, cultural, and psychological needs of the population.

Key-Words: Buildings. Cemeteries. Memories. Preservation. History. Welcoming. Nature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Anta de Zedes, Bragança, Portugal.	17
Figura 2 - Pirâmides de Gizé, Egito.	18
Figura 3 - Passagens das catacumbas da Velha Via Ápia.	19
Figura 4 - Catacumba de São Calixto, Roma.	19
Figura 5 - Adaptação das covas para os corpos.	19
Figura 6 - Galeria na catacumba	20
Figura 7 - Cemitério dos Santos Inocentes, Paris.	20
Figura 8 - Cemitério do Camposanto, Pisa.	21
Figura 9 - Catacumbas de Paris, França.	21
Figura 10 - Cenotáfio dedicado a Newton.	22
Figura 11 - Cemitério Recoleta, Buenos Aires.	23
Figura 12 - Cemitério Pere Lachaise, Paris.	23
Figura 13 - Cemitério da Consolação, São Paulo.	24
Figura 14 - Cemitério Skogskyrkogården, Estocolmo.	24
Figura 15 - Cemitério Metropolitano.	25
Figura 16 - Lóculos Perpétuos.	25
Figura 17 - Cemitério de Igualada, Barcelona.	26
Figura 18 - Cemitério de Fenisterre, Galícia.	26
Figura 19 - Visitantes no passeio guiado.	27
Figura 20 - Espectadores em uma das sessões.	28
Figura 21 - Vista do cemitério.	31
Figura 22 - Planta baixa do edifício.	31
Figura 23 - Telhado do edifício.	31
Figura 24 - Espelho d'água.	32
Figura 25 - Assento na extremidade do edifício.	32
Figura 26 - Escultura: O Memorial In-finito.	34
Figura 27 - Interior da capela.	35
Figura 28 - Cobertura da capela.	35
Figura 29 - Planta baixa da Praça.	36
Figura 30 - Elevações.	36
Figura 31 - Vista superior.	36
Figura 32 - Vista interna.	37

Figura 33 - Praça São João Batista - Uauá – BA.	38
Figura 34 - COOPERCUC - Uauá – BA.	39
Figura 35 - Festival do umbu.	39
Figura 36 - Jazigo deteriorado.	40
Figura 37 - Vegetação desordenada.	40
Figura 38 - Túmulo assolado.	41
Figura 39 - Mapa De Zoneamento.	42
Figura 40 - Mapa de cheios e vazios.	43
Figura 41 - Mapa de uso do solo.	44
Figura 42 - Mapa de gabarito.	45
Figura 43 - Mapa de vias e cones visuais.	46
Figura 44 - Cone visual A.	47
Figura 45 - Cone visual B.	47
Figura 46 - Cone visual C.	47
Figura 47 - Mapa de estudo climático.	48
Figura 48 - Fluxograma.	52
Figura 49 - Volumetria.	52
Figura 50 - Estrutura: "Buscai as coisas do alto".	53
Figura 51 - Vista interior da Capela.	54
Figura 52 - "Luz do mundo".	54
Figura 53 - Sala para velórios e homenagens.	55
Figura 54 - Estrutura em aço corten: casulo.	55
Figura 55 - Ossários.	56
Figura 56 - Sepulturas e lóculos.	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - As religiões e suas perspectivas sobre a morte.....	15
Tabela 2 - Ficha técnica do Sayama Lakeside.	30
Tabela 3 - Ficha técnica do Parque das Cerejeiras.	33
Tabela 4 - Parâmetros Urbanísticos.	42
Tabela 5 - Afastamentos.	42
Tabela 6 - Programa de necessidades.	51

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1.	PERSPECTIVAS RELIGIOSAS	14
2.2.	LINHA DO TEMPO.....	16
2.3.	ARQUITETURA DAS RECORDAÇÕES	22
2.3.1.	TIPOLOGIAS E ESTILOS ARQUITETÔNICOS.....	22
2.3.2.	MEMÓRIA EM VIDA.....	27
2.3.3.	PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DO PENSAMENTO	28
3.	REFERÊNCIAS PROJETUAIS	29
3.1.	ESPAÇO COMUNITÁRIO CEMITÉRIO SAYAMA LAKESIDE.....	29
3.1.1.	FICHA TÉCNICA.....	29
3.1.2.	A EQUIPE.....	30
3.1.3.	O PROJETO.....	30
3.1.4.	A ANÁLISE	32
3.2.	CEMITÉRIO MEMORIAL PARQUE DAS CEREJEIRAS.....	33
3.2.1.	FICHA TÉCNICA.....	33
3.2.2.	A EQUIPE.....	33
3.2.3.	O PROJETO.....	34
3.2.4.	A ANÁLISE	37
4.	ESTUDO DA ÁREA.....	38
4.1.	BREVE HISTÓRICO DE UAUÁ-BA	38
4.2.	PLANO DIRETOR	39
4.3.	MAPA DE CHEIOS E VAZIOS	43
4.4.	MAPA DE USO DO SOLO	44
4.5.	MAPA DE GABARITO	45
4.6.	MAPA DE VIAS E CONES VISUAIS	45
4.7.	ESTUDOS CLIMÁTICOS	48
5.	CONCEITO, PARTIDO E DIRETRIZES PROJETUAIS	49
5.1.	CONCEITO.....	49
5.2.	PARTIDO.....	49
5.3.	DIRETRIZES PROJETUAIS.....	50

6.	ESTUDO PRELIMINAR.....	50
6.1.	PROGRAMA DE NECESSIDADES	50
6.2.	FLUXOGRAMA	51
6.3.	ESTUDO VOLUMÉTRICO E SETORIZAÇÃO	52
7.	PROJETO.....	53
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O PROJETO	56
	REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

Abscisão foliar é o nome dado ao processo em que as folhas caem das árvores no período do outono, assim retornando à terra para nutrir o solo – tal como é a morte: uma etapa da vida universal para cada ser vivo, sendo ela a final. Apesar da constante visão como um tabu que gera incômodo à maioria das pessoas, a morte é um seguimento natural e ecológico e representa a única certeza que se é dada ao ciclo da vida. (PACHECO, 2012)

Nesse sentido, o cemitério, última morada dos falecidos, por muito tempo foi considerado como um lugar tenebroso e até mesmo mal assombrado, principalmente à noite quando se tornava um local que de frequentemente era evitado. Parcialmente, essa visão se dá pelo descaso com a infraestrutura, que em grande parte se encontra em estado precário, com túmulos danificados, iluminação ineficaz, falta de segurança e vegetação descontrolada, isso desdenha da memória dos mortos e de seus familiares, manchando também a imagem da cidade trazendo uma desvalorização do patrimônio histórico e cultural. Descasos como esses podem gerar diversas consequências para a comunidade, como o risco de contaminação ambiental, que resulta no impacto negativo da saúde pública podendo acarretar a proliferação de doenças, alterações na flora e na fauna e a poluição do ar. (PACHECO, 2012)

Diante disso, é de extrema importância pensar no local onde os cemitérios serão implantados e projetar um espaço adequado, não só pela necessidade de destinar corretamente os corpos de modo que não provoquem riscos à saúde e o bem-estar da população, mas como também é preciso considerar que a maioria das religiões possuem rituais para o sepultamento e costumam fazer visitas ao local para manter-se viva a memória dos seus entes. (PACHECO, 2012)

Na cidade de Uauá, estado da Bahia, localizada à 428km da capital Salvador, o único cemitério da cidade vem passando pelo processo de assolação. A superlotação do local, juntamente com o descaso do poder público municipal em relação a manutenção, resultou na destinação inadequada dos corpos, em um terreno próximo sem infraestrutura apropriada.

Devido a este cenário, o presente trabalho visa desenvolver um projeto com a intenção de propor uma intervenção na problemática proporcionando um ambiente mais humano e acolhedor, que possa atender a toda população de Uauá e redondezas, permitir um apoio às famílias enlutadas com um local digno para

descanso dos entes e melhorias para todo o espaço urbano.

Com o objetivo de revitalizar e ampliar o cemitério de Uauá, pretende-se avaliar a situação atual, identificar os principais problemas do local e realizar uma análise dos cemitérios enquanto espaço público por meio de estudos de caso e referências projetuais. Com base na fundamentação teórica, a intenção é propor um projeto arquitetônico com alternativas amplas e funcionais para melhorar a infraestrutura, o que poderá contribuir com a minimização dos impactos ambientais e por conseguinte buscar reduzir a visão obscura de um cemitério com a criação de uma praça das memórias.

Para que a pesquisa seja feita, será necessária uma revisão bibliográfica que “abrange todas as bibliografias encontradas em domínio público como: livros, revistas, monografias, teses, artigos de internet, etc.” (BORGES et al, 2014, p.19) com temáticas relacionadas a arquitetura, a sustentabilidade, a humanização e acolhimento em cemitérios e as consequências de cemitérios mal implantados.

Seguindo com uma pesquisa de campo, levantamento fotográfico e análise de estudos de caso, com o propósito de abordar qualitativamente, descrevendo fatos e observações encontradas, possibilitando interpretar os dados coletados e compreender os procedimentos realizados no local, a infraestrutura existente e a abordagem utilizada para resolver os problemas ao meio ambiente causados pelos cemitérios.

Portanto, a pesquisa inicia com a coleta de dados de projetos que já tenham abordado o mesmo problema, e dentre eles buscará viabilizar as respostas para os problemas que estão sendo investigados. Com base nessas etapas, tem-se a intenção de iniciar o projeto arquitetônico e paisagístico do espaço, através da idealização de um programa de necessidades e da definição do conceito e partido, compreendendo como funciona determinada ação do estabelecimento, revisando bibliografias e objetivando espaços que atendam às necessidades.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. PERSPECTIVAS RELIGIOSAS

A morte é uma etapa universal da vida em que todos os seres vivos enfrentam. Porém o conceito e o simbolismo que é dado a ela varia significativamente com os fatores religiosos, culturais e históricos que influenciam cada sociedade tornando um

sentido único. (SANTOS, 2007).

As crenças religiosas interferem na perspectiva da morte e da vida após a morte. O Catolicismo por exemplo reconhece que a morte é uma passagem para a vida eterna, onde marca o fim da vida terrena, mas não o fim da existência humana, pois para os católicos a alma continua a existir a após a morte e enfrenta o julgamento de Deus no Juízo Final que irá determinar o último e eterno destino da alma, céu, inferno ou purgatório. Assim como o Catolicismo, o Islamismo também vê a morte com a possibilidade de uma passagem para o paraíso ou para o inferno. (GRUPO DIERSMANN, 2018.).

Outras religiões também têm as suas próprias visões e nesse contexto, de forma resumida, a tabela abaixo (tabela 1) apresenta a crença, a perspectiva e os rituais mais praticados das religiões mais comuns:

Tabela 1 - As religiões e suas perspectivas sobre a morte.

RELIGIÃO	CRENÇA SOBRE A MORTE	RITUAIS
Budismo	Acreditam no karma e na reencarnação do espírito como forma de renascimento.	Variam de acordo com a tradição específica, mas a cremação é o mais comum, onde há uma preparação do corpo, seguido da cerimônia e cremação.
Catolicismo	Creem na morte como uma passagem para a vida eterna, não aguardando a reencarnação, mas sim o destino da alma, com o Juízo Final, para o céu, inferno ou purgatório	O corpo é velado, geralmente em casa ou igreja, há celebração de corpo presente ou rito de Exéquias sem a presença dele, seguido do sepultamento onde pode ser enterrado ou cremado. É comum haver Missa de sétimo dia de falecimento para que se possa rezar pela alma do falecido.
Espiritismo	Acreditam que o espírito é imortal e utiliza do corpo físico como veste para evolução espiritual assim podendo reencarnar em um outro para dá continuidade.	Celebração na casa espírita com preces e cantos, podem optar pelo o corpo do desencarnado ser enterrado ou cremado.

Hinduísmo	Acreditam na morte como a continuidade da existência, que não é fim e sim a passagem para uma nova vida, uma jornada com retorno ou não e em direção ao eterno	Variam de acordo com a região, mas geralmente o corpo é lavado e preparado com flores e joias, depois é cremado, método mais comum, e as cinzas são coletadas e colocada em algum rio ou enterradas em um local sagrado. Pós-cremação, famílias e amigos realizam rituais para purificação da alma, em que ajudam a alcançar a próxima vida.
Islamismo	Creem na morte como passagem da alma, podendo levar ao céu ou ao inferno conforme os seus atos terrenos.	O corpo é lavado e enrolado em panos brancos, sem costura, por familiares do mesmo sexo. Posto em um caixão para despedidas, é levado à Mesquita para uma cerimônia, seguindo para o enterro em um túmulo sem o caixão. A cremação nessa religião não é permitida.
Protestantismo	Similar ao catolicismo, também acreditam na morte como passagem e na existência de céu e inferno.	Os rituais também se assemelham, porém o velório é mais voltado para a família e não para o falecido.
Umbanda	Não há céu ou inferno, a morte é vista como uma transição para um novo plano de existência. O corpo físico desintegra, mas alma continua existindo.	O velório acontece na casa do falecido ou no terreiro de Umbanda, e os rituais podem variar de acordo com o terreiro e a tradição, normalmente oferendas são oferecidas aos guias espirituais como uma forma de conexão.

Fonte: Elaborada por Denis Magalhães, adaptada pelo autor, 2024.

Diante disso é necessário compreender que cada uma dessas religiões têm as suas particularidades acerca da visão sobre a morte e dos seus rituais fúnebres, que refletem às crenças e os valores de cada, e procurar meios que atendam às necessidades das pessoas de forma respeitosa. (SANTOS, 2007).

2.2. LINHA DO TEMPO

É possível notar que o interesse do homem em relação a morte, com foco maior na arquitetura, revela-se desde a Antiguidade. Datados no período Neolítico, os dólmenes são classificados como monumentos megalíticos e são compostos por grandes pedras, normalmente com três ou mais, com uma disposição que lembra a estrutura de uma mesa. Estudos e explorações arqueológicas revelam que o dólmen era um túmulo comunitário, e que em um específico há indícios que indicam que mais de 100 pessoas foram enterradas nele. (ROCHA, 2013).

Com isso, conclui-se que desde essa época já dava para perceber que havia uma certa preocupação com os mortos, pois a construção das sepulturas coletivas e dos túmulos monumentais para os líderes e grupos de família mostrava a organização

da era e revela a crença ancestral de uma vida após a morte. Segundo Rocha (p. 19, 2013), “As antas ou dólmenes eram monumentos megalíticos onde eram enterrados os mortos (figura 1). Grandes pedras fixadas na vertical eram também elementos votivos — os menires.”

Figura 1 - Anta de Zedes, Bragança, Portugal.



Fonte: ROCHA, 2013.

Tendo a visão de que a morte é mais do que um fim, é uma etapa essencial da alma para a vida eterna, os egípcios consideravam que homens, deuses, plantas e animais eram integrantes de um mesmo sistema e acreditavam na imortalidade do espírito, na reencarnação e que rituais bem elaborados e técnicas de embalsamento e mumificação bem executadas, garantiam a passagem do morto para a vida extraterrena, pois assim o corpo estaria conservado. Essa concepção enriquece os conhecimentos sobre a cultura egípcia, a arte, a arquitetura e os valores da sua civilização. (ROCHA, 2013).

Para os egípcios a morte não era um obstáculo, mas sim uma porta para uma nova existência. Por isso o corpo deveria ser embalsado para que a vida póstuma fosse garantida, então era feito o processo de mumificação, que evitava a decomposição dos corpos após a morte, em seguida ele era colocado em grandiosos monumentos de pedra, construídos por eles mesmos, nomeado de pirâmides (figura 2). (ROCHA, 2013).

“A fim de caracterizar o sistema de pensamento no Antigo Egito, o termo mais apropriado então seria monismo. De acordo com os egípcios, há unidade e coerência ao longo de toda a criação. Existência,

em si, forma uma unidade, uma complementaridade, com o estado primordial.” (ENGLUND, 1989, *apud* RIBEIRO, 2014, p. 3).

Figura 2 - Pirâmides de Gizé, Egito.



Fonte: ROCHA, 2013.

A dimensão da compreensão da morte para os romanos é ampla, pois tempos antes da Cristianização, eles eram politeístas, com credos variados em diversos deuses, nisso muitas opiniões sobre o que sucederia os pós morte eram existentes. (ROCHA, 2013).

O Estoicismo era uma escola filosófica romana que destacava a aceitação da morte como uma parte natural. *Memento Mori* é uma expressão latina que significa “lembre-se de que você é mortal”, os estoicos acreditavam que era necessário lembrar da brevidade da vida e dar a devida importância às coisas dela, assim incentivando as pessoas a não perderem tempo com aquilo que é efêmero. *Carpe Diem* – expressão em latim que significa “curta o momento, a vida, o presente”. (ROCHA, 2013).

Os romanos também viam a morte como uma espécie de espetáculo, haviam jogos que eram públicos e eles contavam com lutas entre gladiadores e animais selvagens. Com as guerras que haviam na época, muralhas foram construídas para defender a cidade, com isso corpos ficavam espalhados por fora das muralhas e pelo percurso. Avançando no tempo, uma nova religião nasceu, o Cristianismo e com ela os corpos passaram a ser enterrados em edificações religiosas, como mosteiros, igrejas ou em catacumbas (figura 3) dentro das muralhas, isso era como uma forma de proteção para o além da vida. (ROCHA, 2013).

Figura 3 - Passagens das catacumbas da Velha Via Ápia.



Fonte: ROCHA, 2013.

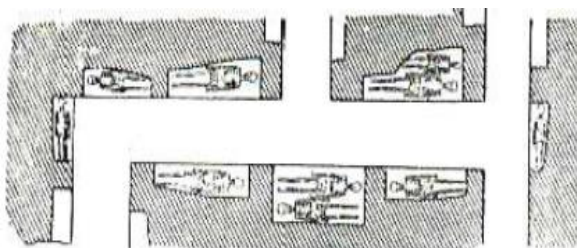
No entanto, a desigualdade social já era evidente nesse quesito, pois os cadáveres de pessoas com baixa renda eram enterrados em covas comuns nos pátios. Símbolos religiosos eram escupidos e objetos pessoais eram deixados nesses locais para que servissem de identificação. A figura 4 mostra a parte interna da catacumba de São Calixto. E a figura 5 revela que o tamanho das covas era proporcional ao tamanho dos corpos. (ROCHA, 2013).

Figura 4 - Catacumba de São Calixto, Roma.



Fonte: Minube, (s.d.).

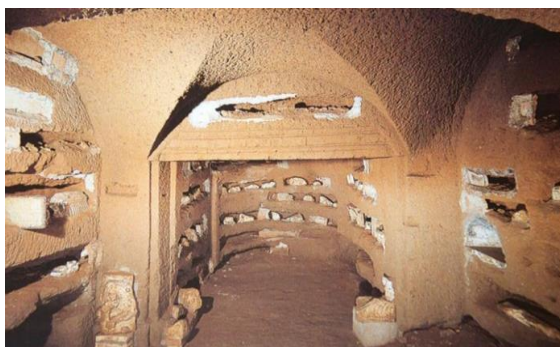
Figura 5 - Adaptação das covas para os corpos.



Fonte: Scaglia, 1909.

Em contrapartida, pessoas que eram mais situadas e privilegiadas na sociedade, eram enterradas em salas abertas nas galerias, podendo ali ser escavados várias covas para familiares (figura 6) e as mesmas eram decoradas pinturas inspiradas em cenas bíblicas. (MOTA, 2011).

Figura 6 - Galeria na catacumba



Fonte: Minube, (s.d.).

Ainda que a Igreja passe a não aconselhar que os enterros dentro das edificações religiosas durante a Idade Média acontecessem, o ato ainda persiste por um tempo considerável. Essa mudança ocorreu de forma gradual até que fosse totalmente abandonada e substituída pela prática de enterramentos nos cemitérios que foi se tornando mais comum por diversos motivos. Há dois exemplos de cemitérios que têm o seu devido destaque da época: o cemitério dos Santos Inocentes, em Paris, e o cemitério do Camposanto, em Pisa. O primeiro exemplo (figura 7) era a céu aberto e ficava localizado no centro da cidade, só passou a ser delimitado no século XIV. Enquanto o cemitério Camposanto (figura 8) possuía uma edificação própria, com apenas duas portas de acesso com o exterior e construído exclusivamente para esta finalidade. (ROCHA, 2013).

Figura 7 - Cemitério dos Santos Inocentes, Paris.



Fonte: ROCHA, 2013.

Figura 8 - Cemitério do Camposanto, Pisa.



Fonte: ROCHA, 2013.

Ainda em Paris, ao final do século XVIII, com as epidemias, guerras e fome a situação ficou muito nociva à saúde, pois havia superlotação no cemitério da cidade e ele passou a ser foco de infecção. Em 1785 foi decretado a desativação do cemitério dos Santos Inocentes, e um lugar no subsolo chamado de Tombe-Issoire, foi criado e passou a ser o local para receber as ossadas do cemitério, assim originando as Catacumbas de Paris (figura 9). (ROCHA, 2013).

Figura 9 - Catacumbas de Paris, França.



Fonte: ROCHA, 2013.

Mediante a esses problemas, a necessidade de projetar um espaço mais adequado se tornou urgente, e surgiram várias propostas de cemitérios e monumentos fúnebres. ROCHA diz que:

“A maioria dos projetos refletia uma arquitetura monumental, tanto pela escala como pelas ideias, prevendo o espaço cemiterial como um espaço de museu. Terá sido uma fase experimental onde muitas ideias surgiram, sendo as propostas

acadêmicas as mais idealistas e utópicas”.
(ROCHA, p. 25, 2013).

E que dentre esses projetos é possível destacar o Cenotáfio dedicado a Newton (figura 10), criado em 1784 por Étienne-Louis Boullée, autor de vários desses projetos utópicos.

Figura 10 - Cenotáfio dedicado a Newton.



Fonte: ROCHA, 2013.

Boullée buscava representar o imutável com a utilização de formas puras e em escalas fora do comum em seus projetos. (ROCHA, 2013).

2.3. ARQUITETURA DAS RECORDAÇÕES

2.3.1. TIPOLOGIAS E ESTILOS ARQUITETÔNICOS

No decorrer do tempo, a arquitetura dos cemitérios passou por múltiplas transições se adequando às necessidades da sociedade e retratando mudanças do tipo sociais, tecnológicas e culturais. Segundo Thiago de Araújo (2006) os cemitérios similares aos que vemos hoje só surgem em plena Idade Média, quando os mortos passam a lotar as dependências da igreja e o seu redor. Desde as sepulturas mais comuns dos tempos antigos até os cemitérios verticais mais modernos da atualidade, as necrópoles sempre foram espaços de memória, contemplação e ligação com o passado.

De acordo com NEUHAUS, na atualidade é possível classificar os tipos de cemitérios mais comuns em quatro categorias. Sendo elas:

- I. Cemitério tipo Clássico: é decorrente do urbanismo racionalista francês do século XVIII e também conhecido como oitocentista. O cemitério do tipo clássico, em sua maioria apresenta traçados regulares e com forte presença da arquitetura neoclássica, tanto nos pórticos quanto nas tumbas (SILVEIRA, 2000 apud NEUHAUS, p. 27, 2012). Esse tipo é o mais antigo e tradicional, com túmulos dispostos lado a lado horizontalmente que permitem maior ornamentação de símbolos religiosos e celestiais, como cruzes, estátuas e anjos. A sua estrutura assemelha-se a uma cidade, com quadras formadas por tumbas de diferentes formatos e estaturas. Para exemplificar, em Buenos Aires tem o cemitério Recoleta (figura 11), em Paris o Pere Lachaise (figura 12), e em São Paulo – SP, o cemitério da Consolação (figura 13). São semelhantes em relação ao uso de materiais nobres, como granito, bronze e mármore em seus túmulos.

Figura 11 - Cemitério Recoleta, Buenos Aires.



Fonte: ArchDaily, 2016.

Figura 12 - Cemitério Pere Lachaise, Paris.



Fonte: Vou na Janela, 2019.

Figura 13 - Cemitério da Consolação, São Paulo.



Fonte: Folha de São Paulo, 2023.

- II. Cemitério tipo Jardim: apresentam traçados mais orgânicos e sinuosos, com ambientação mais pitoresca, assim como os jardins ingleses, onde tem a vegetação predominante (SILVEIRA, 2000 apud NEUHAUS, p. 28, 2012). O foco desse tipo está em exaltar a beleza da natureza e a paz, funcionando como um jardim meditativo (figura 14) e manifestando semelhança a um parque que proporcione um ambiente que seja mais tranquilo e comum ao visitante. Os cemitérios tipo jardim deixam de lado a imagem referente à sociedade e à religião para interligar-se a elementos da paisagem, como terra, céu e árvores (SILVEIRA, 2000 apud NEUHAUS, p. 29, 2012).

Figura 14 - Cemitério Skogskyrkogården, Estocolmo.



Fonte: iStok, 2015.

- III. Cemitério tipo Galeria: também conhecido como cemitério vertical, esse tipo é caracterizado por nichos em paredes ou edifícios de vários andares. Semelhante a um prédio, com planta de pavimento e circulação vertical com elevadores e escadas, os cemitérios do tipo de galeria possuem compartimentos modulares dispostos de forma vertical onde os corpos são alocados, ao invés de serem enterrados em túmulos no solo, livrando assim de preocupações do tipo funcionais e sanitárias. Esse modelo, auxilia na economia de espaço, agride menos o meio ambiente, permite uma experiência sensorial e possibilita desfrutar das tecnologias. O Cemitério Vertical Metropolitano de São Vicente, em São Paulo (figura 15) é um ótimo exemplo disso, ele oferece 2 formas de produtos, o lóculo perpétuo (figura 16), podendo passar de geração por geração, e a cremação, além de conter câmeras instaladas nas salas de velório onde é possível acompanhar a transmissão em tempo real por algum dispositivo.

Figura 15 - Cemitério Metropolitano.



Fonte: G1, 2021.

Figura 16 - Lóculos Perpétuos.



Fonte: G1, 2021.

- IV. Cemitério tipo Contemporâneo: a diferenciar do tipo anterior, esse modelo também busca unificar as sepulturas, paisagem e edificação, porém não limitando a um só edifício. Originou-se na Europa nos anos 70 e possui uma estética única e original, que busca trazer um espaço que traga consigo a sensação de que o visitante nunca tenha visto algo semelhante, que remeta a um cemitério comum, pois o modelo Contemporâneo (figuras 17 e 18) possui uma ampla variedade de opções de sepultamento personalizadas para que atenda às necessidades e aos desejos do indivíduo e de seus familiares trazendo uma experiência incomparável e única.

Figura 17 - Cemitério de Igualada, Barcelona.



Fonte: NEUHAUS, 2012.

Figura 18 - Cemitério de Fenisterre, Galícia.



Fonte: NEUHAUS, 2012.

Portanto, cada tipo de museu da vida, desde os mais tradicionais até os mais inusitados, tem a sua particularidade e precisa se adequar às diferentes necessidades

e crenças, e independente do seu estilo arquitetônico ou do seu modo guardar o legado das histórias silenciosas, todos precisam cumprir com o seu objetivo que é o de proporcionar um descanso digno e respeitoso para as almas simbólicas. (NEUHAUS, 2012).

2.3.2. MEMÓRIA EM VIDA

Voltando ao cenário mais nacional e atual, os cemitérios são as principais, se não as únicas, construções arquitetônicas projetadas estritamente para receber rituais fúnebres e sepultamentos. Porém, esse princípio está começando a ser impulsionado por novas tendências sociais que está trazendo usos incomuns a eles (OVERSTREET, 2018).

Dentre esses novos usos, é possível citar a visita guiada no Cemitério Municipal de Maringá (figura 19) chamada de City Tour Histórico que tem por objetivo trazer e incentivar a educação patrimonial do lugar e falar sobre alguns dos personagens que estão enterrados ali. Esse projeto abrange espaços como praças, edifícios históricos e cemitérios, por se tratarem de locais com estudo arquitetônico, de arte e da evolução política, econômica e social.

Figura 19 - Visitantes no passeio guiado.



Fonte: RIC TV, 2019.

Outro uso a ser citado, é o projeto Cinetério (figura 20) que ocorre em São Paulo, no Cemitério da Consolação. Trata de um festival que acontece à céu aberto dentro do cemitério, todo ano, com sessões de cinema que exhibe filmes de terror clássicos como “Amantes Eternos” de Jim Jarmusch.

Figura 20 - Espectadores em uma das sessões.



Fonte: Adoro Cinema, 2015.

Eventos como esses, proporcionam uma conexão diferente entre a comunidade e o espaço, desmitificando tabus sobre a morte, o luto e a visão negativa que o cemitério possui, além de promover a arte, a cultura e o lazer.

2.3.3. PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DO PENSAMENTO

A arquitetura reflete a materialização da história e cultura de um povo por meio de diferentes perspectivas, sejam elas técnicas de construção ou os estilos arquitetônicos utilizados que destacaram cada época. Isso fornece uma série de informações sobre as origens, formação cultural e sobre os hábitos de uma comunidade e seus antecedentes. Construções históricas são testemunhas de grande valor que possibilitam compreender o passado e como ele moldou o presente, por isso é de suma importância que haja a preservação do patrimônio de cada local para que se possa conhecer e entender sobre sua determinada história, não só as gerações futuras, como também a presente. (LEMOS, 1981). Segundo Lemos,

“Preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma cidade velha [...]. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares [...]. Devemos então, de qualquer maneira, garantir a compreensão de nossa memória social, preservando o que for significativo dentro do nosso vasto repertório de elementos componentes do Patrimônio Cultural.” (LEMOS, 1981 apud MOREIRA; ARAGÃO, 2012, p. 1).

Embora a partida seja vista como um evento complexo da vida ou como um

mistério em que a solução é evitada, na cultura africana ela representa a transição entre o mundo dos vivos e o mundo ancestral. Onde os ancestrais são considerados entidades de grande relevância que continuam agindo na vida dos vivos trazendo proteção e sabedoria, por isso nessa cultura a boa morte é a que vem em idade avançada e é acompanhada de um funeral digno, marcado com um ritual festivo que confirma a sua passagem ao encontro com os antepassados, sem essa demarcação simbólica não há certeza da transição da vida que se foi. (OLIVEIRA, 2009).

Ainda sobre demarcação simbólica, Lenise de Oliveira (2009) diz que o cadáver se encontra à mercê da escrita, pois é a lápide que vai assegurar que a vida realmente foi interrompida e estabelecer o marco de um fim. Por isso que preservar a memória dos que partiram se torna crucial para manter um legado às gerações. (OLIVEIRA, 2009).

Lenise de Oliveira ainda ressalta que:

“A preocupação precípua de enterrar os mortos atesta o nascimento da civilização, marca a vitória do simbólico sobre a morte. Em uma tentativa de duelar contra a deterioração do corpo ao longo dos tempos, o homem cede à inserção simbólica, pois ela garante representação e sentido ao nada. É a putrefação da carne a grande inimiga que precisa ser combatida. Assim, manter o real a determinada distância ameniza o impacto que a morte provoca na realidade.” (OLIVEIRA, 2009).

A autora insinua que a prática de enterrar os mortos é primordial para a evolução da civilização, pois atesta a ascensão do simbolismo sobre a morte, e que a decomposição do corpo é vista como um obstáculo a ser superado.

Em virtude disso a resignificação da morte pode ajudar a amenizar o impacto emocional que ela causa na realidade.

3. REFERÊNCIAS PROJETOAIS

3.1. ESPAÇO COMUNITÁRIO CEMITÉRIO SAYAMA LAKESIDE

3.1.1. FICHA TÉCNICA

Tabela 2 - Ficha técnica do Sayama Lakeside.

Ano do projeto	2013
Área	483 m ²
Arquitetos	Hiroshi Nakamura & NAP
Localização	Saitama, Japão

Fonte: Autor, 2024.

3.1.2. A EQUIPE

Nascido em 1974, na capital do Japão, o arquiteto Hiroshi Nakamu criou a empresa Hiroshi Nakamura & NAP em 2002, na sua cidade natal, Tóquio. O objetivo da empresa baseia-se em criar uma relação orgânica entre arquitetura, natureza e corpo humano. Além do Espaço Sayama, há outros 11 projetos disponíveis na plataforma Arch Daily, focado em arquitetura residencial, cultural e religiosa, todos seguindo o mesmo objetivo proposto e a estética da integração dos ambientes externos e internos valorizando a vegetação do entorno.

3.1.3. O PROJETO

Localizado nas florestas dos Montes Sayama, o Espaço Comunitário foi criado com a intenção ligar o externo ao interno, sendo um espaço que não fosse totalmente aberto e nem totalmente fechado para a paisagem, proporcionando excelentes vistas (figura 21) A equipe do projeto diz:

“Em vez disso, nós quisemos criar um espaço que, enquanto aberto, teria um grau de encerramento. Para este fim, reunimos os quartos relacionados ao serviço em um núcleo central de betão e ferro e dispostas no salão visitante e salas de jantar em torno do núcleo em um plano circular aberta para o exterior.” (Hiroshi Nakamura & NAP, 2013).

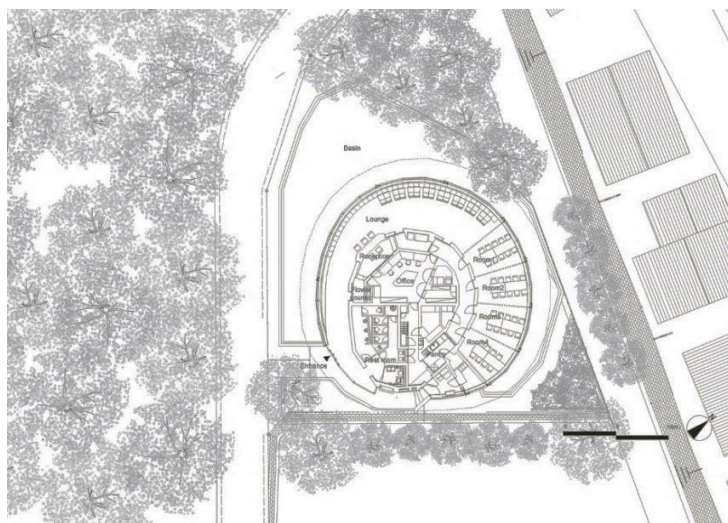
Figura 21 - Vista do cemitério.



Fonte: Arch Daily, 2016.

Além do edifício contar com uma planta circular (figura 22), o Espaço também possui pilares e vigas metálicas e sobre ele um telhado de madeira (figura 23), além disso é rodeado por um espelho d'água que ressoa o lago Sayama (figura 24).

Figura 22 - Planta baixa do edifício.



Fonte: Arch Daily, 2016.

Figura 23 - Telhado do edifício.



Fonte: Arch Daily, 2016.

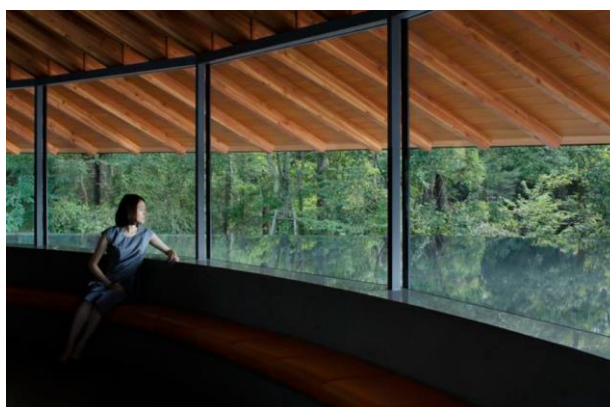
Figura 24 - Espelho d'água.



Fonte: Arch Daily, 2016.

O local foi projetado de uma forma que tivesse dois pontos de perspectivas da paisagem externa, que podem ser observadas a depender da postura do visitante, seja ela em pé ou sentado. Do ponto de vista sentado (figura 25), tem-se a percepção de tranquilidade da natureza, podendo observar a floresta e as colinas.

Figura 25 - Assento na extremidade do edifício.



Fonte: Arch Daily, 2016.

Já quando em pé, o olhar é direcionado para o espelho d'água, onde pode-se ver o externo através dos seus reflexos.

3.1.4. A ANÁLISE

Entre os aspectos mais relevantes desse projeto, destaca-se a valorização da vegetação do entorno que ajuda a compor o cenário da arquitetura inovadora do lugar. A planta circular e as paredes curvas criam um ambiente acolhedor proporcionando a sensação de que o exterior abraça o interior, além de fugir dos padrões como o uso da forma retangular.

É nítido a combinação de elementos tracionais japoneses combinados com uma estética contemporânea. O uso de elementos naturais como a madeira, reforça essa estética e deixa que a paisagem externa seja o destaque. A presença do espelho d'água transmite serenidade, reflexão e ressignifica a experiência do luto.

Tais pontos serão trabalhados no projeto resultante desse estudo, dando destaque a valorização e a integração com a natureza, ao emprego de materiais naturais e a experiência contemplativa dos visitantes.

3.2. CEMITÉRIO MEMORIAL PARQUE DAS CEREJEIRAS

3.2.1. FICHA TÉCNICA

Tabela 3 - Ficha técnica do Parque das Cerejeiras.

Ano do projeto	2018
Área	300000 m ²
Arquitetos	Crisa Santos Architectos
Localização	Jardim Angela, São Paulo

Fonte: Autor, 2024.

3.2.2. A EQUIPE

Criado em 2006, o escritório Crisa Santos Architectos trabalhava em amplas áreas da arquitetura, mas passaram a fixar o olhar em espaços de vivência do luto.

A equipe afirma:

“Buscamos construir experiências que gerem ao usuário do espaço conexão consigo e seu ente querido, eternizando memórias e perpetuando sua comunhão com o todo que os une. Experiências que expandam o seu espaço de familiaridade, de forma a sentir seu ente querido em casa. A isso chamamos pertencimento – um dos pilares essenciais da sensação de acolhimento que visamos proporcionar.” (Crisa Santos Architectos, 2018).

As diretrizes que são seguidas por ela incluem, a organicidade das formas, as diversas texturas, associação da luz e espaço e cores e materiais que ressaltam a natureza, diretrizes essas que podem ser conceituadas como neuro arquitetura, que juntamente com o conceito da biofilia traduzem estética que a empresa segue. (SANTOS, 2018).

3.2.3. O PROJETO

O projeto de revitalização do Parque das Cerejeiras, traz consigo a provocação de sensações e percepções que resultam na compreensão dos impactos da arquitetura a respeito do cérebro e os comportamentos humanos, assim como os demais projetos que a empresa cria.

O parque está localizado no Jardim Ângela, em São Paulo e possui 300 mil metros quadrados de área. É uma galeria a céu aberto composto por obras de arte, esculturas (figura 26) e instalações criadas especificamente para o local. Explica a arquiteta:

“Além de aprender o lado religioso e da espiritualidade, também expandi meu aprendizado com profissionais como geriatras, psiquiatras e psicólogos, a fim de entender o processo de luto. Queria, a partir de conversas e pesquisas, entender como os enlutados querem ser amparados, e como esse luto pode ser cuidado”. (Crisa Santos Architectos, 2018 apud Arch Daily, 2023).

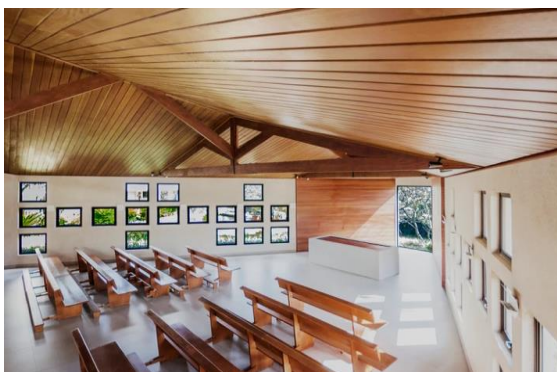
Figura 26 - Escultura: O Memorial In-finito.



Fonte: Arch Daily, 2023.

O espaço também consta com uma capela, que possui estrutura em madeira que parte de uma base menos rígida e eleva-se em fluidez suave até o topo (figura 27). A cobertura da entrada prolonga-se até a rua (figura 28), tornando convidativo e despertando curiosidade a quem passa.

Figura 27 - Interior da capela.



Fonte: Arch Daily, 2023.

Figura 28 - Cobertura da capela.



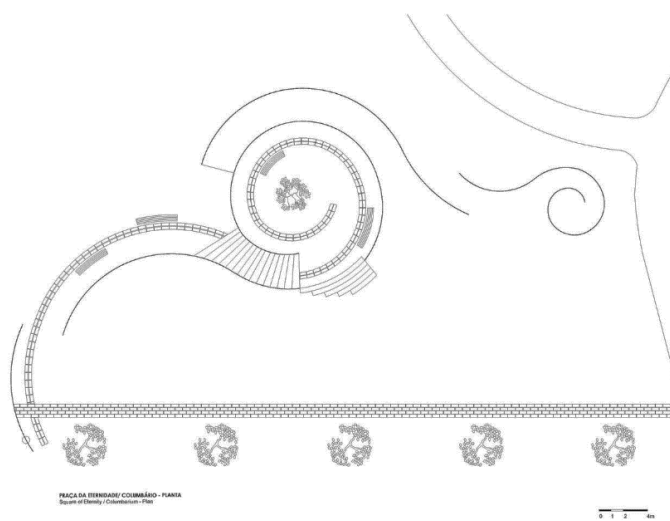
Fonte: Arch Daily, 2023.

A Praça da Eternidade, é um dos elementos mais simbólicos da Parque, é formada por diversos trechos com chapas de aço em formato de espiral (figuras 29 e 30), o que traz uma narrativa sobre as fases da vida. (SANTOS, 2018).

A arquiteta explica:

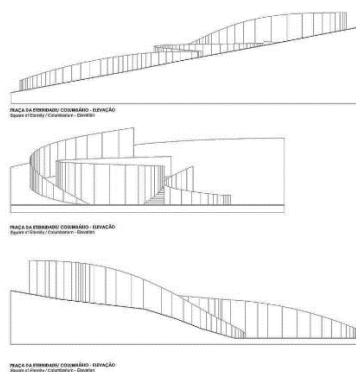
“A praça é um manifesto de vida e nela pulsa conectividade. É um local de afeto que assinala o parque como território de reencontros perpétuos”. (Crisa Santos Arquitectos, 2018 apud Arch Daily, 2023).

Figura 29 - Planta baixa da Praça.



Fonte: Arch Daily, 2023.

Figura 30 - Elevações.



Fonte: Arch Daily, 2023.

Figura 31 - Vista superior.



Fonte: Arch Daily, 2023.

Figura 32 - Vista interna.



Fonte: Arch Daily, 2023.

A Praça da Eternidade é lugar de exaltação à vida. (SANTOS, 2018). A espiral com a sua forma sinuosa (figuras 31 e 32), traz consigo rotas circulares que podem representar os diversos caminhos de uma história cronológica da vida.

3.2.4. A ANÁLISE

Os destaques mais marcantes desse projeto é a forma como a simbologia da espiral aborda os caminhos e o ciclo final da vida. A espiral presente em diversos elementos no Parque, como nos caminhos sinuosos, nas esculturas e nas estruturas arquitetônicas, traz consigo a conexão entre os três tempos, passado, presente e futuro, ressaltando que a vida é um processo de renovação.

A arquitetura paisagística permite profundamente o contato com a natureza, abundante em áreas verdes e vegetação nativa. A Praça da Eternidade permite que as pessoas sejam consoladas e consigam se conectarem com as suas emoções após uma perda e proporciona um ambiente tranquilo perfeito para meditação, reflexão e contemplação.

A ideia do simbolismo como conceito também será explorada no projeto proposto visando transmitir um pensamento atemporal e integrar elementos simbólicos à experiência do visitante. O uso dos materiais será adequado ao clima onde o projeto será implementado, considerando a alta ou baixa condutividade térmica, o acesso e disponibilidade local desses materiais e a sua compatibilidade estética de acordo com a região.

4. ESTUDO DA ÁREA

4.1. BREVE HISTÓRICO DE UAUÁ-BA

Conhecida nacionalmente como a “Capital do Bode”, Uauá (figura 33), na Bahia, teve sua origem como uma fazenda no século XVIII, às margens do Rio Vaza Barris. A partir da fazenda, um povoado começou a se formar, e em 1896 ele serviu de palco para o primeiro combate da Guerra de Canudos, também na Bahia, onde ela atuou como acampamento para uma Companhia de Infantaria do Exército que enfrentava os desafios da guerra (AÇÃO POPULAR, 2023).

Localizada à 428km da capital Salvador, a cidade de Uauá foi emancipada em 9 de julho de 1926 e atualmente tem 97 anos. Seu nome é de origem tupi-guarani e significa pirilampos ou vagalumes, significado esse que se refere ao símbolo da resistência do povo sertanejo (AÇÃO POPULAR, 2023).

No município, são implementados diversos programas que envolvem a convivência com as condições com o semiárido, destacando-se o aproveitamento das frutas locais, como o umbu na Cooperativa Agropecuária de Canudos, Uauá e Curaçá (figura 34) – COOPERCUC (VIVA O SERTÃO, 2014).

Figura 33 - Praça São João Batista - Uauá – BA.



Fonte: Acervo Rhuan Állan Fotografias, 2023.

Figura 34 - COOPERCUC - Uauá – BA.



Fonte: COOPERCUC, 2022.

Figura 35 - Festival do umbu.



Fonte: COOPERCUC, 2022.

Com uma rica história, Uauá exerce um papel fundamental na preservação das suas tradições. Festas típicas do Nordeste, como o São João, e eventos culturais como o Festival do Umbu (figuras 33 e 34), enaltecem as raízes culturais e a identidade da cidade, o que fortalece os laços comunitários e torna o município mais convidativo.

4.2. PLANO DIRETOR

O Plano Diretor é fundamental para o desenvolvimento urbano ordenado. É um instrumento não apenas técnico, mas também político, sendo uma ferramenta essencial para promover e orientar o desenvolvimento das cidades, garantindo acesso à habitação e serviços públicos de forma democrática, inclusiva e sustentáveis. (MARICATO, 2001).

Ermínia Maricato ressalta, que um Plano Diretor precisa ser bem elaborado para que possa contribuir na redução das desigualdades socioespaciais, na preservação do meio ambiente, promovendo a mobilidade urbana e ajudando a fortalecer a participação democrática dos cidadãos nas etapas do planejamento urbanístico.

Os cemitérios, na maioria dos casos, não são citados no Plano Diretor de forma específica, eles são considerados como parte da infraestrutura básica da cidade. Assim, são incluídos nas diretrizes gerais do planejamento urbano, o que enfatiza a necessidade da sua gestão e regulamentação adequadas. A falta das diretrizes específicas pode resultar em escolhas de localização inadequadas, em impactos ambientais negativos, dificuldades de acesso e até mesmo a superlotação do espaço, como é o caso do Cemitério Recanto da Saudade, localizado em Uauá, na Bahia. (figuras 36, 37 e 38).

Figura 36 - Jazigo deteriorado.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Figura 37 - Vegetação desordenada.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Figura 38 - Túmulo assolado.



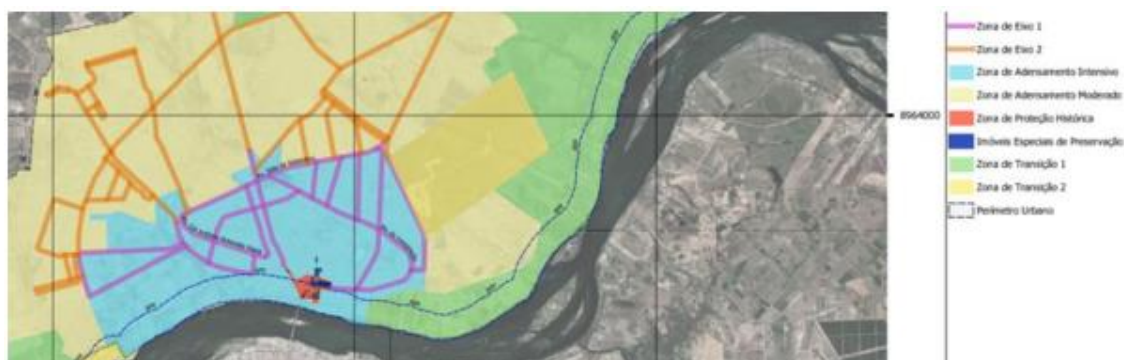
Fonte: Acervo pessoal, 2024.

A cidade não possui Plano Diretor eficiente, o que dificulta ainda mais a definição de um local e de uma estrutura adequada, gerando desafios adicionais na gestão e no ordenamento do seu cemitério. Por isso é essencial estabelecer normas, disposições e diretrizes projetuais específicas para os cemitérios, com a implantação de um Plano Diretor na cidade, a fim de garantir o controle do crescimento urbano e o desenvolvimento ordenado. (MARICATO, 2001).

Por esse motivo, para a elaboração da intervenção, foi utilizado como base o Plano Diretor de Petrolina-PE, juntamente com as resoluções do CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente), que incorporados ao planejamento, garantem que a proposta não só respeite as diretrizes ambientais, como também promovam a sustentabilidade e o uso responsável do espaço.

O zoneamento escolhido para a intervenção corresponde à mesma área onde está localizado o Cemitério Central de Petrolina Campos das Flores, a zona de adensamento intensivo (figura 39). Essa zona é caracterizada por uma diversificação no uso do solo, o que torna a proposta de proximidade dos cemitérios com as áreas residenciais ainda mais relevante. A ideia central é integrar esses espaços ao cotidiano da população, facilitando o acesso e tornando os cemitérios mais acessíveis para aqueles que necessitam visitá-los com frequência.

Figura 39 - Mapa De Zoneamento.



Fonte: Plano Diretor Participativo Da Cidade De Petrolina PE, 2022.

Tabela 4 - Parâmetros Urbanísticos.

Tabela de Parâmetros Urbanísticos Núcleos								
Zona	Afastamento (m)			Gabarito	Taxa de Solo Natural (%)	Parcelamento - Lote		Obs
	Frontal	Lateral	Fundos			Área Min. (m²)	Testada Min. (m)	
Zona de Consolidação Urbana 1 (ZCU1)	5,0	-	-	2	15	360	12	A/B
Zona de Consolidação Urbana 2 (ZCU2)	3,0	-	-	2	10	200	8	A/B
Zona de Consolidação Urbana 3 (ZCU3)	3,0	-	-	2	15	200	20	A/B
Zona de Transição 01	4,0	-	-	2	15	250	12	A
Zona Especial de Proteção dos Canais (ZEPc)	-	-	-	1	-	-	-	C
Zona Especial de Proteção Rodoviária (ZEProd)	-	-	-	-	-	-	-	C/D

A - Nos novos parcelamentos deverão ser abertas vias locais com seção de 10m (faixa de rolamento e passeio).

B - Nas áreas já loteadas, não permitir desmembramentos que resultem em lotes inferiores ao definido para aquela zona.

C - Área non aedificandi

D - A largura definida para esta zona, a partir do eixo das vias, é de 35 metros para rodovias federais e 20 metros para rodovias estaduais.

Fonte: Plano Diretor Participativo Da Cidade De Petrolina PE, 2022.

Tabela 5 - Afastamentos.

ZONA	TAXA DE SOLO NATURAL (MIN)	COEFICIENTE			AFASTAMENTOS							
		MÍNIMO	BÁSICO	MÁXIMO	AFASTAMENTOS (até 2 pavimentos)		AFASTAMENTOS (de 2 a 4 pavimentos)		AFASTAMENTOS (acima de 4 pavimentos)			
					FRONTAL (AF)	LATERAL E FUNDO (ALF)	FRONTAL (AF)	LATERAL FUNDO (ALF)	FRONTAL INICIAL (AFI)	LATERAL E FUNDO INICIAL (ALFI)	FRONTAL RESULTANTE (AFR)	LATERAIS E FUNDOS RESULTANTES (ALFR)
EIXO 1	10%	0,25	3	(e)	(c)	nulo	3,00m (c)	2,00m (a)	5,00m (c)	2,00m	AFR = AFI + (n-4) x 0,20	ALFR = ALFI + (n-4) x 0,20
INTENSIVO	10%	0,25	2	6(e)	3,00m	nulo	5,00m	2,00m (a)	5,00m	2,00m		
EIXO 2	10%	0,25	3	4	(c)	nulo	3,00m (c)	2,00m (a)	5,00m (c)	2,00m		
MODERADO	10%	0,25	2	4	3,00m	nulo	5,00m	2,00m (a)	5,00m	2,00m		
HISTÓRICA	10%	0,25	1	2	(c)	nulo	3,00m (c)	2,00m (b)	(c)	2,00m		
TRANSIÇÃO 1	15%	-	2	3	4,00m	nulo	5,00m	2,00m (a)	5,00m	2,00m		
TRANSIÇÃO 2	25%	-	1	1,5(d)	10,00m	3,00m	10,00m (d)	10,00m (d)	-	-		

(a) Até 2 pavimentos os afastamentos lateral e de fundo são nulos;

(b) Afastamentos laterais nulos quando o vizinho tiver 4 pavimentos;

(c) Alinhamento frontal predominante até 2 pavimentos;

(d) Uso hotelheiro, resorts;

(e) O coeficiente máximo será limitado pelos parâmetros de afastamentos;

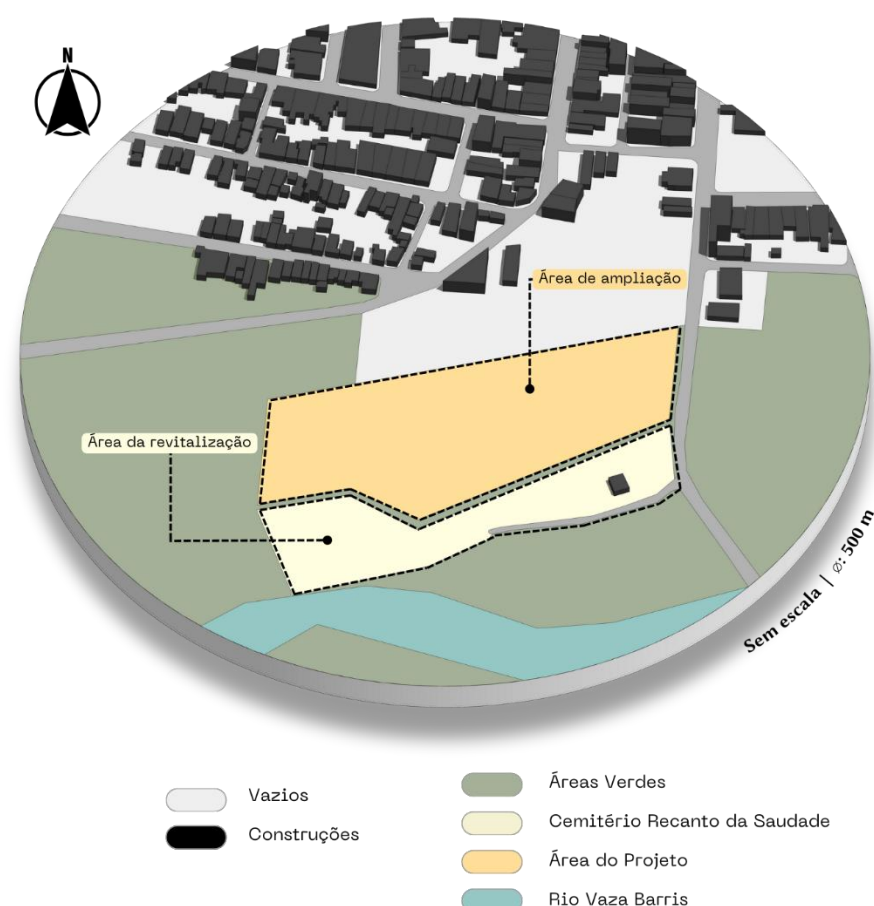
Fonte: Plano Diretor Participativo Da Cidade De Petrolina PE, 2022.

Com o objetivo de garantir que a intervenção esteja de acordo com as normas urbanísticas, os parâmetros e afastamentos (tabelas 4 e 5) definidos pelo plano diretor foram seguidos, a fim de promover a ordenação adequada do espaço urbano, a preservação de áreas de circulação e a manutenção da qualidade ambiental.

4.3. MAPA DE CHEIOS E VAZIOS

O mapa de cheios e vazios identifica as áreas com construções e áreas sem, onde exibe as características urbanas do local pesquisado.

Figura 40 - Mapa de cheios e vazios.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

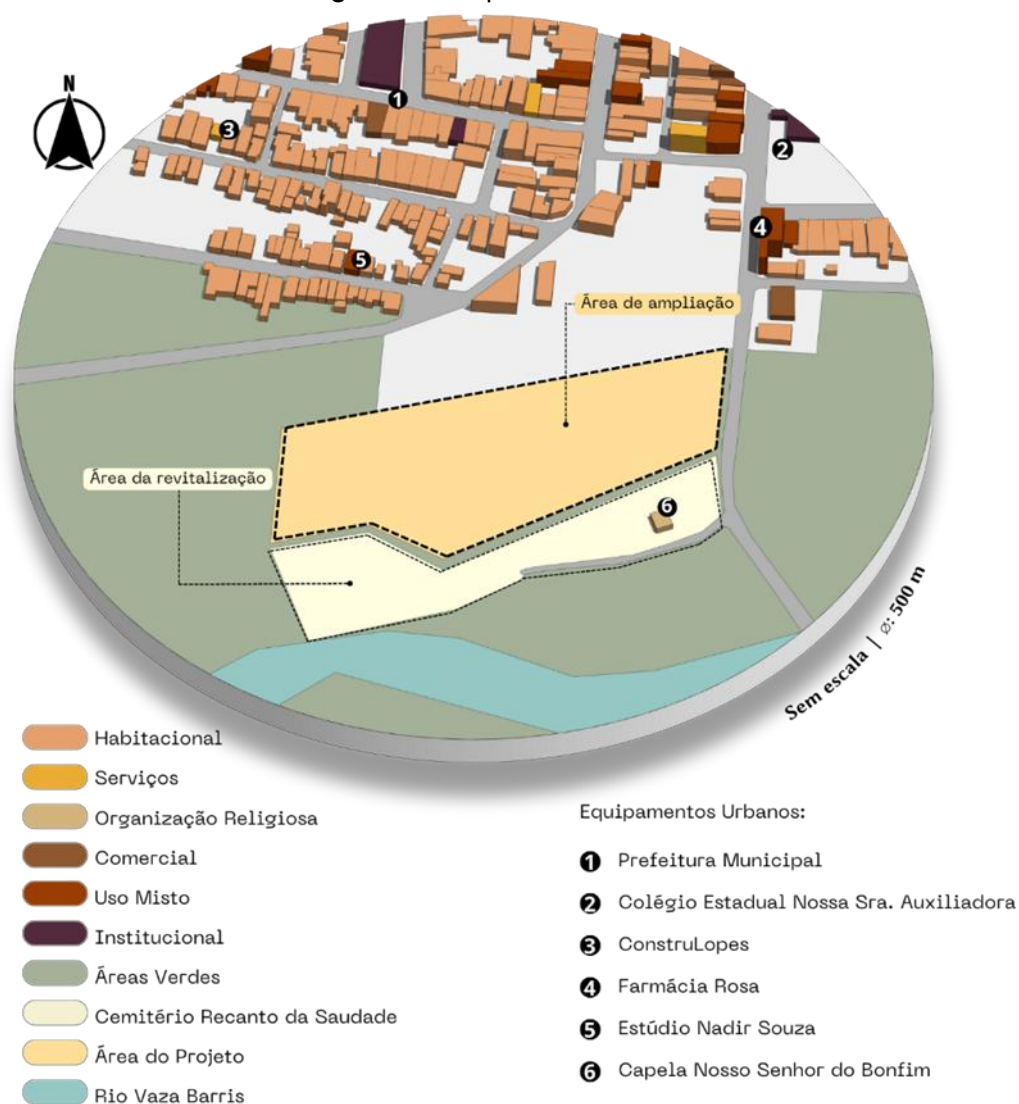
O mapa de cheios e vazios revela que o entorno do terreno tem baixa densidade urbana, onde existem espaços livres (vazios) em uma quantidade considerável, em que grande parte dela consiste em áreas verdes. Conquistando

assim grande potencial em se conectar com a cidade, deixando de ser um espaço isolado como é atualmente a área a ser revitalizada (Cemitério Recanto da Saudade).

4.4. MAPA DE USO DO SOLO

O mapa de uso do solo aborda a classificação das diferentes áreas de acordo com os tipos de uso.

Figura 41 - Mapa de uso do solo.



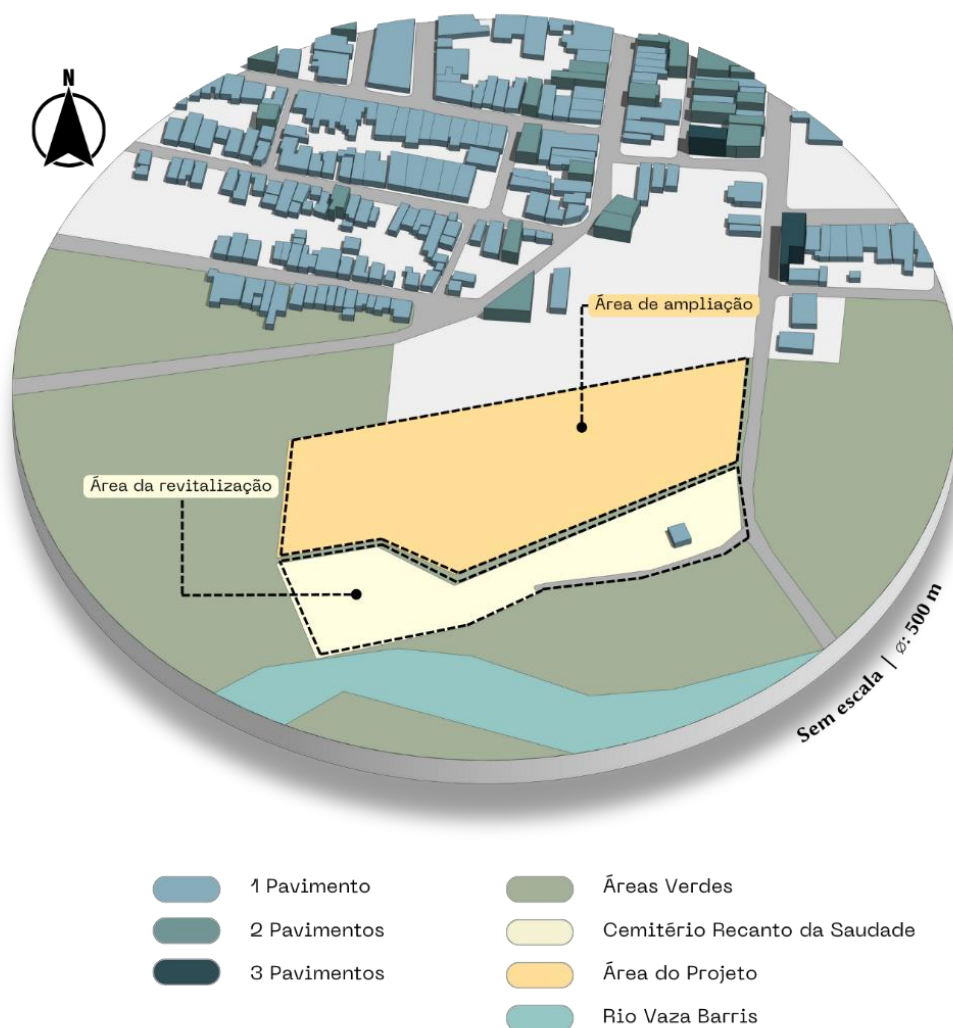
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

De acordo com o mapa de uso do solo, nota-se que a região de estudo é caracterizada por construções de uso variado, com predominância de edifícios residenciais, além de uma proporção menor de edifícios de uso comercial, de serviço e de uso institucional.

4.5. MAPA DE GABARITO

O mapa de uso de gabarito revela as alturas das edificações da área urbana.

Figura 42 - Mapa de gabarito.



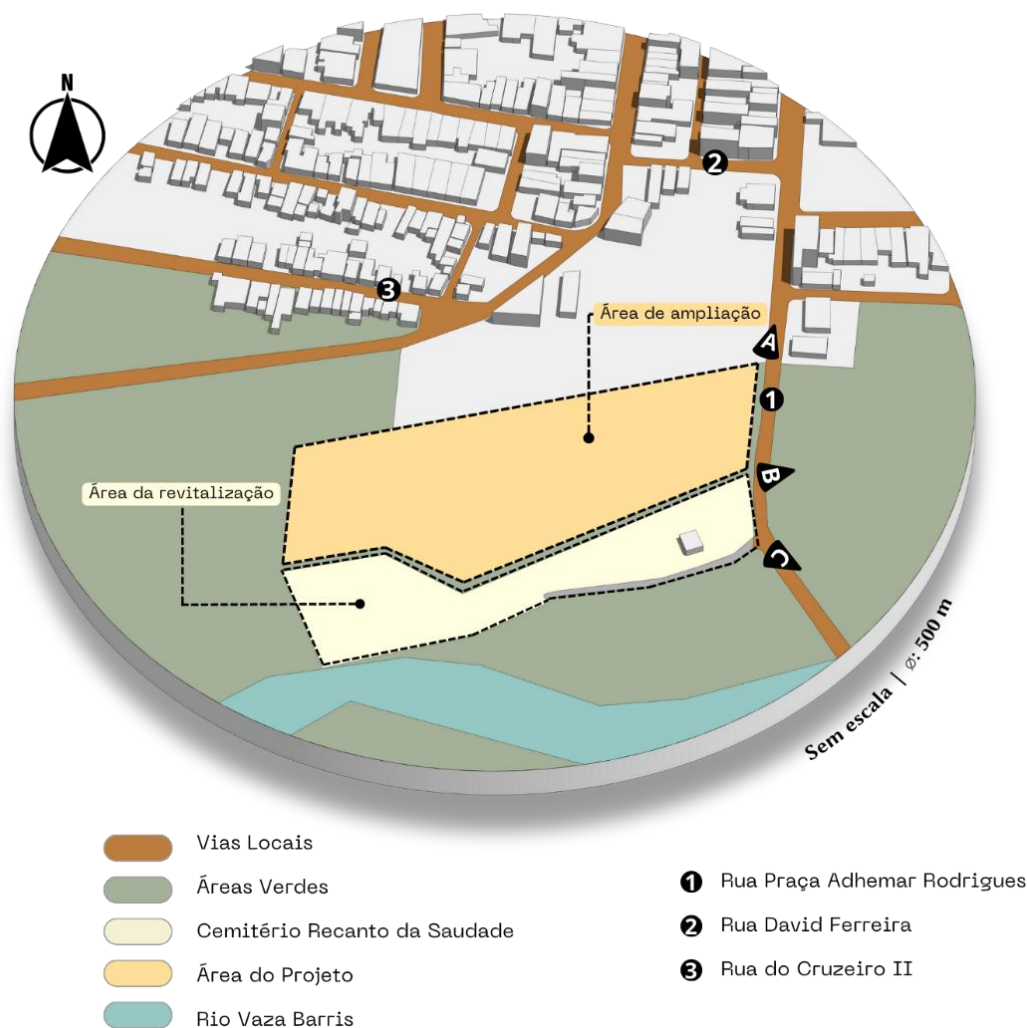
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Com base no mapa de gabarito, é possível observar que a maior parte das edificações possui apenas um pavimento, sendo predominantemente residenciais. Em uma proporção média, encontram-se edifícios de dois pavimentos, caracterizados por usos mistos, combinando espaços habitacionais em um pavimento e comerciais ou de serviço no outro. Em menor escala, há edificações de três pavimentos.

4.6. MAPA DE VIAS E CONES VISUAIS

O mapa de vias mostra os acessos e a classificações das vias de transporte da área.

Figura 43 - Mapa de vias e cones visuais.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

As vias representadas no mapa acima são locais e apresentam uma combinação de pavimentação, incluindo trechos asphaltados e de paralelepípedo.

A Rua Praça Adhemar Rodrigues é a única via de acesso tanto para a área de ampliação quanto a de revitalização, e parte dela apresenta uma combinação das duas formas de pavimentação.

Os cones visuais abaixo servirão para auxiliar na visualização das áreas.

Figura 44 - Cone visual A.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Figura 45 - Cone visual B.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Figura 46 - Cone visual C.



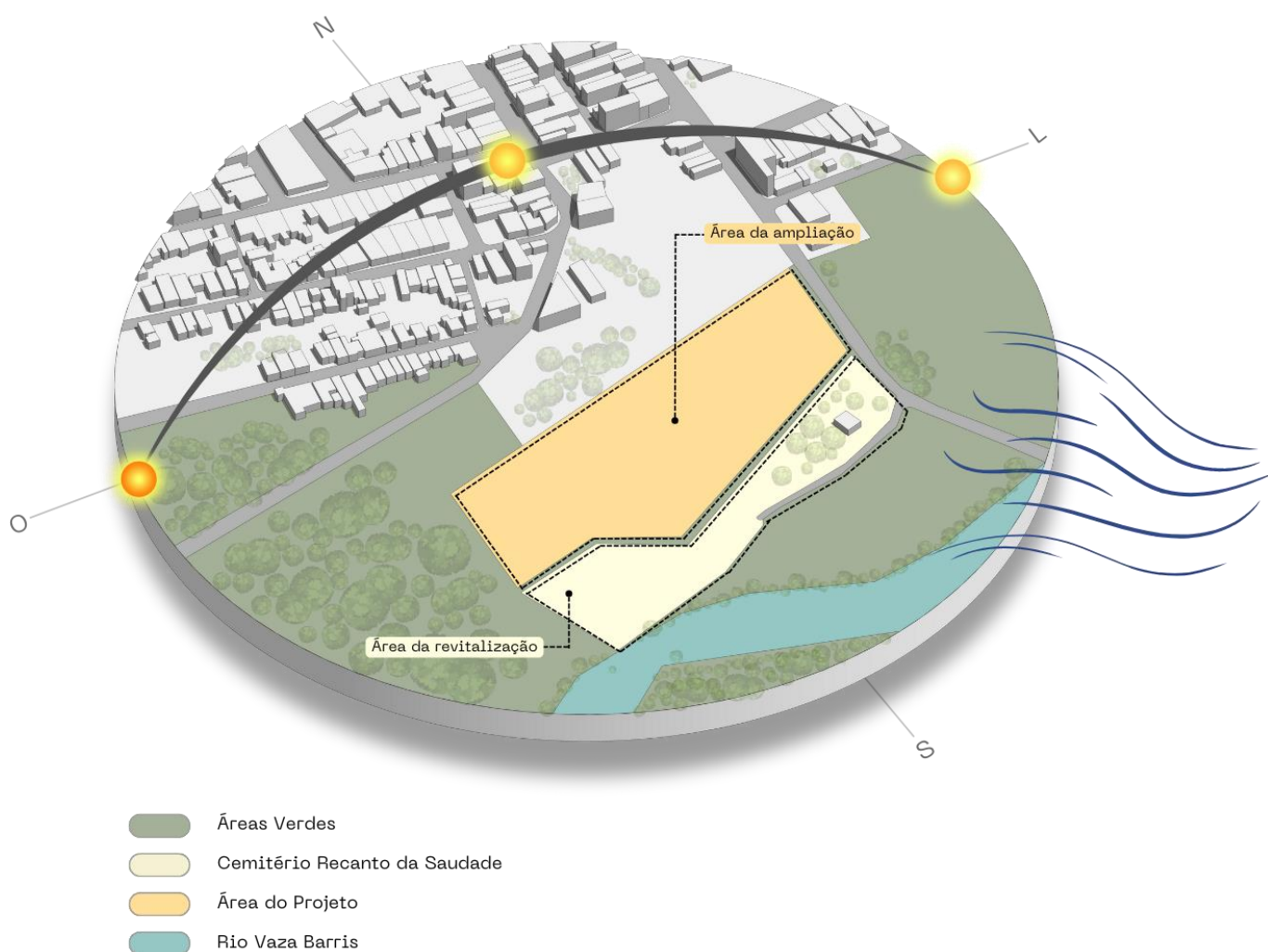
Fonte: Acervo pessoal, 2024.

No cone A é possível observar que a área de ampliação é extensa e está coberta de vegetação. No cone B nota-se que as duas áreas possuem pavimentações diferentes. Já cone C mostra uma das entradas do cemitério.

4.7. ESTUDOS CLIMÁTICOS

O mapa de estudos climáticos é baseado nos dados climáticos da região, permitindo o entendimento mais detalhado da temperatura, das chuvas e dos ventos, por exemplo.

Figura 47 - Mapa de estudo climático.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

O clima característico da cidade é o semiárido, nisso a irregularidade e até mesmo a escassez das chuvas é muito presente. A direção dominante dos ventos é da região sudeste. A incidência do sol da manhã é na região leste do terreno e do sol da tarde na região oeste.

5. CONCEITO, PARTIDO E DIRETRIZES PROJETUAIS

5.1. CONCEITO

O intuito do projeto visa transformar o cemitério em um ambiente de integração social que seja mais acolhedor e traga uma conexão com a natureza, substituindo assim a percepção tradicional de um local sombrio e melancólico por uma visão mais leve e humanizada.

O objetivo é criar um cemitério do tipo parque que incentive uma reflexão sobre o ciclo da vida de forma mais natural. A partir disso terá como inspiração a metamorfose da borboleta, ela com a sua transformação de ovo para lagarta, depois crisálida e finalmente borboleta, traduz o ciclo da vida como uma metáfora para a jornada humana.

5.2. PARTIDO

Formas orgânicas e circulares serão integradas ao design do cemitério a partir do conceito do ovo, casulo e da própria borboleta. As curvas suaves e os caminhos sinuosos refletirão o ciclo da vida.

A escolha da vegetação será selecionada não apenas pela sua estética, mas também pela sua experiência sensorial, distribuída de forma que complemente as formas, enquanto o seu perfume e sua textura possam evocar emoções e sensações aos que visitam, criando um ambiente harmonioso e acolhedor.

Com a divisão das zonas, o cemitério contará com áreas de contemplação, jardins, salas para velórios, capela ecumênica, além de vilas para os lóculos, jazigos e ossários.

Materiais naturais como madeira e pedra serão utilizados na construção das edificações, além de concreto e aço, priorizando a ventilação e a iluminação natural. As aberturas amplas, que contarão com elementos vazados, serão posicionadas a fim de permitir uma iluminação suave e difusa, criando um ambiente acolhedor e sereno. Essa abordagem busca proporcionar uma experiência sensorial única, respeitando o caráter natural e espiritual do local.

5.3. DIRETRIZES PROJETUAIS

Com o objetivo de propor um projeto funcional e acolhedor, foram elaboradas as seguintes diretrizes abaixo, envolvendo tanto a área de revitalização, quanto a de ampliação:

- Na área de revitalização, pretende-se implementar um sistema de escoamento de águas pluviais para lidar com o problema da assolação causado pela água da chuva;
- Restaurar as sepulturas que foram danificadas com o tempo, ou por outras circunstâncias, visando manter a integridade histórica do local;
- Vegetações adequadas em ambas as áreas serão utilizadas, sendo elas de fácil manutenção e que não prejudiquem a integridade das sepulturas ou dos outros espaços;
- Implementar nas duas áreas um sistema de vigilância e iluminação adequadas, a fim de garantir segurança tanto aos visitantes, quanto ao patrimônio;
- Na área de ampliação, será proposto uma integração do local com o entorno, considerando a paisagem circundante e suas características distintas, trazendo mais conexão com a natureza;
- Desenvolver um layout eficiente, com zonas para cada tipo de sepultamento, seguindo um distanciamento adequado para os túmulos e considerando o crescimento ao longo dos anos, planejando espaços que acomodem a capacidade futura;
- Rampas, calçadas adequadas e sanitários acessíveis serão instalados conforme as normas;
- Espaços que tragam privacidade e tranquilidade, serão incluídos, além de elementos de design que proporcione momentos de contemplação e recordação dos seus entes.

6. ESTUDO PRELIMINAR

6.1. PROGRAMA DE NECESSIDADES

A tabela do programa de necessidades foi elaborada seguindo 3 setores. O primeiro é o setor administrativo, onde terá ambientes que serão voltados para o bom funcionamento do local, além de ser o primeiro acesso dos visitantes. O segundo, é o setor público que abrange a maior parte dos ambientes, contendo as praças, as capelas, as salas de cerimônia, lanchonete, entre outros. Por fim, o terceiro setor é dedicado aos funcionários técnicos, onde acontecerá todo o operacional do cemitério, incluindo salas para armazenamentos de materiais e salas para serviços funerários específicos.

Tabela 6 - Programa de necessidades.

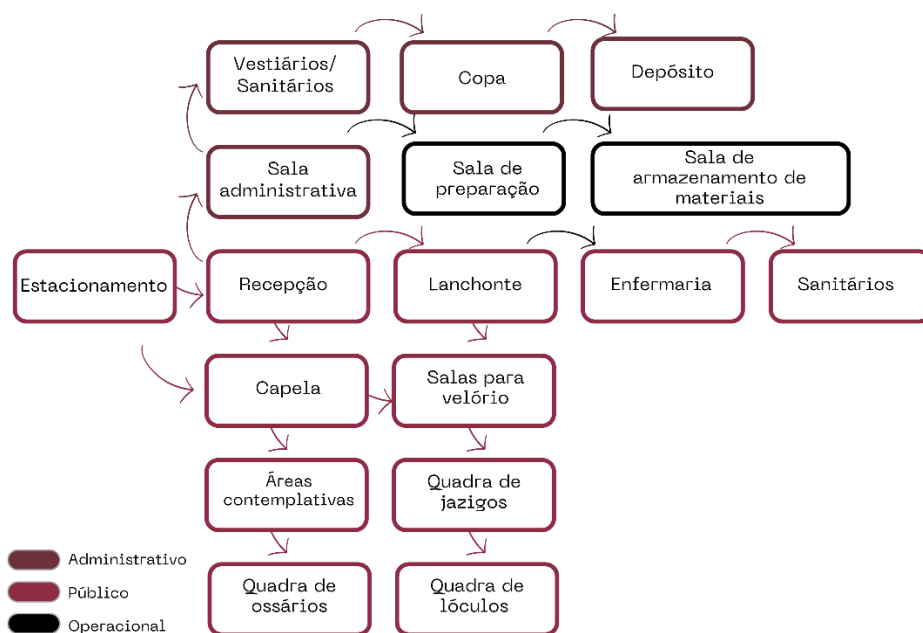
SETOR	AMBIENTE
Administrativo/Serviço	Recepção
	Sala administrativa
	Vestiários/Sanitários
	Copa
	Depósito
	Sala para descanso
Público	Jardins
	Áreas contemplativas
	Capela ecumênica
	Lanchonete
	Quadras de jazigos
	Quadras de lóculos
	Quadra de ossários
	Salas para velório
	Enfermaria
	Sanitários
Operacional	Sala de armazenamento de materiais
	Sala de preparação

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Esse programa de necessidades foi elaborado com base em referências projetuais de outros cemitérios.

6.2. FLUXOGRAMA

Para auxiliar na compreensão da organização entre os diferentes setores, o fluxograma abaixo, foi elaborado com base no programa de necessidades.

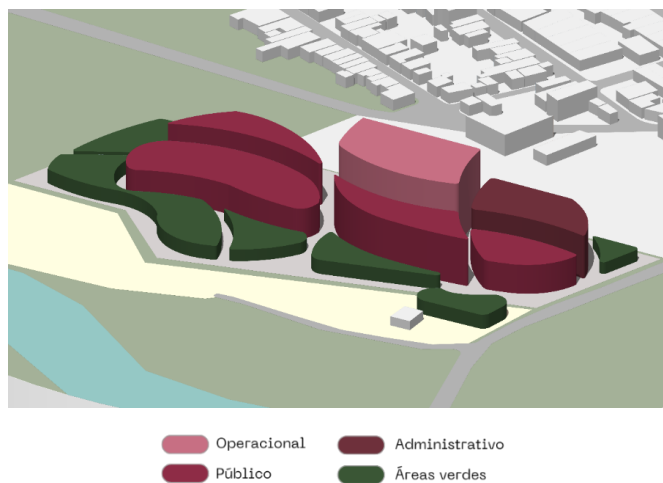
Figura 48 – Fluxograma.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Ele auxilia na visualização do processo de construção, permitindo que os envolvidos entendam os setores e identifique possíveis problemas ou soluções que possam acontecer.

6.3. ESTUDO VOLUMÉTRICO E SETORIZAÇÃO

A volumetria busca materializar o que foi idealizado no conceito do projeto.

Figura 49 - Volumetria.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Cada ângulo revela uma nova perspectiva, enriquecendo ainda mais a experiência.

7. PROJETO

Os elementos presentes no cemitério foram idealizados para materializar os conceitos do projeto, buscando unir forma, função e simbolismo. O formato da estrutura em aço corten da capela (figura 50) transcende a sensação de proteção e acolhimento, como se estivesse abraçando sua cobertura em concreto, que, com sua forma arredondada, remete ao período de transformação da borboleta em seu casulo. As extremidades dessa estrutura, voltadas para o céu, evocam tanto o alçar do voo após a metamorfose quanto o versículo bíblico que diz: "Buscai as coisas do alto" (Col 3,1), trazendo uma visão espiritual relacionada com a elevação da alma.

Figura 50 - Estrutura: "Buscai as coisas do alto".



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

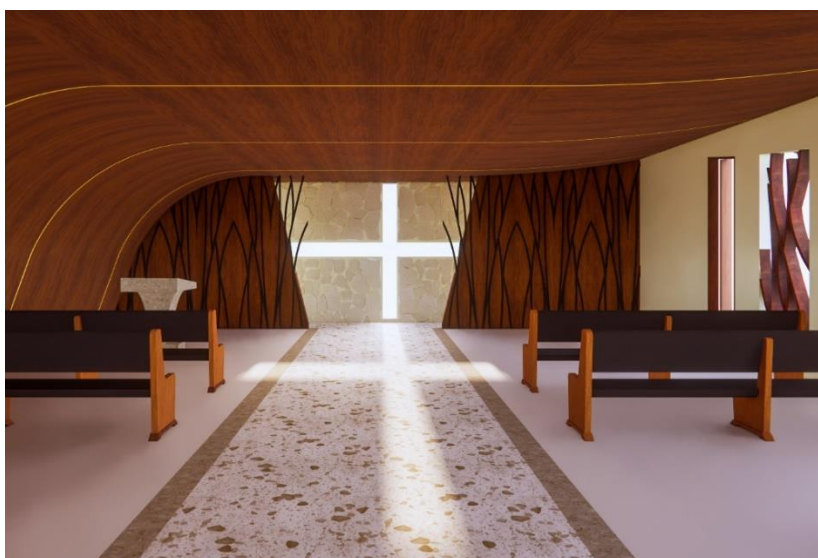
Outros materiais foram selecionados de forma a reforçar o conceito rústico do espaço. A pedra natural e o vidro são utilizados na parede em destaque (figuras 51 e 52), criando um contraste entre a rigidez e a transparência.

Figura 51 - Vista interior da Capela.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Figura 52 - "Luz do mundo".



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

A madeira também foi utilizada no teto e nas esquadrias, tanto da capela quanto das salas de velório (figura 53), trazendo uma sensação de acolhimento ao ambiente. Além disso, janelas amplas foram adicionadas para permitir a entrada de iluminação natural.

Figura 53: Sala para velórios e homenagens.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Estruturas orgânicas, também em aço corten, foram distribuídas pelo espaço, servindo como molduras para os velórios (figuras 54 e 55). O aço corten, com sua tonalidade única e a característica de envelhecer naturalmente, contribui para uma integração com o ambiente ao longo do tempo, refletindo o ciclo contínuo da vida e da morte.

Figura 54 - Estrutura em aço corten: casulo.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Figura 55 - Ossários.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Figura 56 - Sepulturas e lóculos.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Nas sepulturas, ossários e lóculos, foi utilizado concreto armado (figuras 55 e 56), em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente), garantindo a segurança estrutural e a sustentabilidade ambiental da construção. O uso do concreto armado assegura a durabilidade e a resistência dessas instalações, além de possibilitar um design funcional e moderno.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O PROJETO

A partir do desenvolvimento desse trabalho, foi possível conhecer mais a fundo sobre a temática da morte, em diferentes tipos de religião, cultura e época, além de perceber a importância do papel dos cemitérios no meio urbano, cultural e na preservação histórica da sociedade, podendo destacar o quão eles são fundamentais

para servirem de testemunhas silenciosas do passado.

Com o intuito de mudar a ideia comum de que cemitérios são ambientes sombrios de extrema tristeza, este projeto busca transformar esse conceito projetando um espaço que celebre as memórias e os símbolos que ali estão.

Projetando áreas de contemplação, jardins e espaços de convívio, traz intenção de desenvolver um cemitério parque em Uauá, com a visão de não apenas resolver os problemas estruturais presentes, mas também de proporcionar um ambiente acolhedor, inclusivo e propício para a reflexão e contemplação sobre o ciclo da vida.

Assim podendo garantir um novo olhar que transcende a simples e dolorosa prática de sepultar os corpos, juntamente com a visão obscura frequentemente associada aos cemitérios, transformando-o em espaços de serenidade, de memória e de honra aos símbolos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. **Túmulos celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial: 1889 - 1930**. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

DE BARROS, Luzcena; DIAMANTE, Loraine Martins. **Rituais de Morte Africana**. Caleidoscópio, v. 11, n. 1, p. 27-30, 2019.

DE OLIVEIRA, Lenise Grasielle. **Da inscrição ao apagamento: memória e morte**. Lembrança, v. 1, p. 9-16, 2009.

FERREIRA, Emanuely da Silva; RAVACHE, Rosana Lia. **Preservação do patrimônio histórico**. CONNECTION LINE - REVISTA ELETRÔNICA DO UNIVAG, [S. l.], n. 24, 2021.

HIPÓLITO, Paulo. **Um campo de possibilidades: práticas de Ensino de História no Cemitério São João Batista de Guarabira-PB**. História & Ensino, v. 25, n. 2, p. 373-400, 2019.

HONORIO, Cíntia Maria. **Arte e memória no espaço urbano: a necrópole que tem, conta e reconta a história**. Caderno Intersaberes, v. 10, n. 24, p. 49-58, 2021.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole, legislação e desigualdade**. Estudos avançados, v. 7, p. 151-166, 2003.

MODESTO, Murilo Tavares et al. **Morte e poesia na Roma antiga: luto, lamento**

e consolação nas Silvae de Estácio (século I EC). 2022.

MOREIRA, Amanda Cavalcante; ARAGÃO, Juliana Lopes. **A arquitetura conta a história: a importância da preservação da arquitetura eclética de Teresina para a memória da cidade.** Simpósio Nacional de História Cultural, VI, 2012.

MOTA, Thiago Eustáquio Araújo. **Ritos de morte e celebração heroica na Roma de Virgílio: os funerais de palante e a memória de anquises.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo, 2011.

NEUHAUS, Patrícia Gubert. **A experiência do espaço na visita ao cemitério contemporâneo,** 2012.

OVERSTREET, Kaley. **Projetando o espaço da morte: a arquitetura de cemitérios.** Archdaily, 2018.

PACHECO, Alberto. **Meio ambiente e Cemitérios.** Senac São Paulo, 2012.

REIMER, Ivoni Richter. **Nas catacumbas de Roma: uma história da morte para reconstruir vidas.** Revista Mosaico-Revista de História, v. 2, n. 2, p. 102-116, 2009.

REIS, Eduarda Brêtas Araújo. **Arquitetura de cemitérios: o caso da cidade de Manhuaçu-mg.** Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso, 2018.

RIBEIRO, Thiago Henrique Pereira. **Concepções egípcias acerca da morte: Uma releitura sobre a questão da alma no Egito antigo.** Fato & Versões-Revista de História, v. 6, n. 12, 2014.

ROCHA, Francisco Manuel Pinto. **Morte, Espaço e Arquitetura: Das Ideias às Formas, um Projeto.** Portugal, 2013.

ROSA, Edna Teresinha da. **A relação das áreas de cemitérios públicos com o crescimento urbano.** Tese (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2003.

SANTOS, Franklin Santana. **Perspectivas histórico-culturais da morte. A arte de morrer–Visões plurais,** p. 13-25, São Paulo 2007.